

## SANKOFA: O ESTILO COMO ATRIBUTO CIRCULATÓRIO DE REINSCRIÇÃO DO ESQUEMA CORPORAL E DESMATERIALIZAÇÃO DA ONTOLOGIA DO RACISMO

Cruz, Etevaldo Santos; Dr; Universidade Federal da Bahia, [theozurc2014@gmail.com](mailto:theozurc2014@gmail.com)<sup>1</sup>

### RESUMO

O estudo, de caráter especulativo, tem por objetivo refletir em que medida o estilo, circulação de referências, pode efetivar reorganização ontológica da presença, considerando as relações epistemológicas modernas que friccionam o racismo e anti negritude. Nossa perspectiva lança mão da imagem do pássaro mítico Sankofa (*Sanko = voltar; fa = buscar, trazer*) como recurso plástico e analítico. Sankofa, originário dos povos de língua Akan da África Ocidental, representa a ideia de voltar atrás e buscar o que foi esquecido. Frantz Fanon (2008), Achille Mbembe (2018), Renata Pitombo Cidreira (2005) e Merleau-Ponty (1999) foram acionados como referenciais para o percurso especulativo. O estudo é estruturado em dois momentos inter relacionais: O primeiro momento especula sobre a dimensão ontológica da relação entre a invenção do ser e a diferenciação do não-ser. O segundo momento reflete sobre o estilo como pertencimento e percepção do mundo, através de uma *forma comunal* que transita entre a coletividade e a intersubjetividade (CIDREIRA, 2005, p.119). Frantz Fanon demonstra que a experiência traumática existencial do negro operou em duas instâncias: “aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e a que lhes foi imposta” (FANON, 2008, p.104). O deslocamento espaço-temporal corresponde ao traumático esfacelamento do esquema corporal, cujo autoconhecimento e autorreferência se deslocaram para o que Fanon chama de “conhecimento do corpo pela atividade da negação”. A invenção da diferença, cujos muros são encerrados na raça, impõe a necessidade de um enfrentamento desse momento, através da

---

<sup>1</sup> Filósofo, Mestre e Doutor pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – Pós-Cultura – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisador do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura (UFRB/UFBA/ CNPq). E-mail: [theozurc2014@gmail.com](mailto:theozurc2014@gmail.com)

reorganização do corpo em seu esquema fenomênico que permita sair do inexistente para o exprimível. Assim, compreendemos que o estilo é uma potência de reorganização ontológica, circulatória e posicionamento comunal da presença do corpo negro no mundo. O corpo estilizado é o ponto de onde a *composição da aparência* se destaca nos jogos contingentes da percepção e do pertencimento. “A zona de não-ser diante da qual podem aparecer seres precisos, figuras e pontos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.146). Movimento do esquema corporal que só é possível porque “o ser humano indica-se, referindo-se a qualquer outra força, a um outro ele mesmo – capacidade de sair de si, de desdobramento e estranheza” (MBEMBE, 2017, p.228). O estilo, aqui, é analisado como um processo de produção de novos imaginários sankofianos, movimento de reinscrição circulatória, cuja movência intercambiável com o entorno do mundo e com as prefigurações históricas, imaginárias, temporais e ontológicas podem refundar uma presença através da reorganização de um outro esquema corporal fora na violência ontológica da modernidade branca.

**Palavras-chave:** Ontologia; estilo; sankofa.